

**Universidade Federal de Lavras – UFLA  
Centro Educação a Distância – CEAD**

## **História da Filosofia Antiga II**

Guia de Estudos

**André Chagas Ferreira de Souza**

**Lavras/MG  
2011**

**Ficha catalográfica preparada pela divisão de processos técnicos da Biblioteca Central da UFLA**

Souza, André Chagas Ferreira de.

História da Filosofia Antiga II : guia de estudos / André Chagas Ferreira de Souza. – Lavras : UFLA, 2012.

106 p. : il.

Uma publicação do Centro de Apoio à Educação a Distância da Universidade Federal de Lavras.

Bibliografia.

1. Formação de professores. 2. Aristóteles. 3. Metafísica. I. Universidade Federal de Lavras. II. Título.

CDD –

378.1702814

### Governo Federal

Presidente da República: Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação: Aloizio Mercadante

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Universidade Aberta do Brasil (UAB)

### Universidade Federal de Lavras

Reitor: Antônio Nazareno Guimarães Mendes

Vice-Reitor: José Roberto Soares Scolforo

Pró-Reitor de Graduação: João Chrysostomo de Resende Júnior

### Centro de Educação a Distância

Coordenador Geral: Ronei Ximenes Martins

Coordenadora Pedagógica: Carolina Faria Alvarenga

Coordenador de Projetos: Cleber Carvalho de Castro

Coordenadora de Apoio Técnico: Fernanda Barbosa Ferrari

Coordenador de Tecnologia da Informação: Ahmed Ali Abdalla Esmin

### Departamento de Ciências Humanas

#### Filosofia (modalidade à distância).

Coordenador do Curso: André Constantino Yazbek

Coordenador de Tutoria: João Geraldo Martins da Cunha

Revisora Textual: Léa Silveira Sales

## **Sumário**

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO.....  | 6  |
| O estudo da Filosofia.....   | 6  |
| A função deste Guia de Estudos.....  | 8  |
| Tema deste módulo.....   | 8  |
| Justificativa para o tema referente à disciplina de Filosofia Antiga II..... | 10 |
| Objetivos .....  | 13 |
| A. Gerais .....  | 13 |
| B. Específicos.....  | 14 |
| Orientações de aprendizagem.....   | 15 |
| O que ler e tempo de dedicação.....  | 16 |
| UNIDADE 1: A ORIGEM DA METAFÍSICA E A CIÊNCIA METAFÍSICA.....                | 19 |
| O termo metafísica.....  | 20 |
| Os livros da Metafísica .....  | 22 |
| Temas da Metafísica .....  | 25 |
| Metafísica, a ciência por excelência.....                                    | 27 |
| METAFÍSICA.....  | 28 |
| Desejo de perceber e de aprender.....  | 28 |
| Estratificação entre saberes.....  | 32 |
| Continuação da hierarquia e a esfera humana.....                             | 33 |
| Experiência e juízo universal .....  | 36 |
| Conhecimento, causa e o “porquê” .....                                       | 38 |
| Admiração e o início do pensamento teórico.....                              | 42 |
| Balanço da análise e próximos passos.....                                    | 45 |
| UNIDADE 2: ARISTÓTELES E SEUS ANTECESSORES.....                              | 48 |
| A busca pelas causas.....  | 49 |

|   |     |
|---|-----|
| Aristóteles e seus antecessores.....  | 52  |
| Os pré-socráticos.....  | 52  |
| Os pré-socráticos e as causas.....  | 55  |
| Conclusão de Aristóteles a partir de apresentação do pensamento dos pré-socráticos..... | 59  |
| Aristóteles e Platão.....   | 60  |
| Aristóteles contra as Formas platônicas.....  | 65  |
| Observações .....   | 70  |
| UNIDADE 3: ARISTÓTELES E PLATÃO E A CIÊNCIA DO SER ENQUANTO SER .....                   | 72  |
| O “novo” caminho trilhado por Aristóteles .....   | 74  |
| A busca pelo ser enquanto ser.....  | 79  |
| Predicação, conhecimento e ser.....   | 83  |
| Ser, sujeito e substância.....  | 84  |
| UNIDADE 4: SUBSTÂNCIA, MATÉRIA, FORMA E CAUSA.....                                      | 89  |
| Substância.....   | 90  |
| Causa da substância.....  | 93  |
| Um problema acerca da substância.....   | 94  |
| Substância e matéria .....  | 95  |
| Substância e composto forma e matéria.....  | 98  |
| Substância e forma.....   | 99  |
| O impasse sobre as formas.....  | 100 |
| Forma, matéria, ser e conhecimento.....   | 102 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 105 |
| BIBLIOGRAFIA.....   | 107 |

## INTRODUÇÃO

### O estudo da Filosofia

Para dar continuidade às atividades deste curso de graduação em Filosofia, apresentamos mais um módulo referente à História da Filosofia Antiga.

Como você já pode ter notado, apesar do título ser acompanhado do termo história, não se trata exatamente da ideia de história com que normalmente nos deparamos em outros estudos, ideia segundo a qual ela serve para organizar uma sequência de fatos passados dando, por assim dizer, uma perspectiva de linearidade acerca dos acontecimentos mais importantes ligados a um período. Realmente, o termo história, no caso da Filosofia, serve para retomar pensadores do passado, com seus respectivos argumentos e teses. Porém, ainda no contexto da Filosofia, esse termo não busca retrair um conjunto de fatos ligados à produção filosófica nem à biografia dos filósofos como elemento explicativo de seus pensamentos.

História da Filosofia significa retomar algo passado, mas do ponto de vista interno das obras filosóficas. Busca-se remontar as teses dos autores consagrados pela tradição filosófica ou daqueles em que se notaram ideias que de fato marcaram lugares determinantes no pensamento humano. São autores que, em meio à infinidade de concepções e opiniões, desenvolveram *conceitos* bem elaborados, ou seja, racionalmente sustentados. Tais ideias não puderam ser ignoradas, mas, pelo contrário, passaram a servir de referência para toda a produção de conhecimento posterior, seja ele na forma de acréscimo, seja na forma de transformação, seja ainda na forma de crítica de tais ideias.

Antes de qualquer coisa, ao *praticarmos* história da Filosofia, tentamos reconstruir o pensamento de um autor passado<sup>1</sup> com o objetivo de que isso seja feito da maneira mais fiel possível à sua produção.

---

<sup>1</sup> Pode ser um autor do passado recente, como no caso do estudo da História da Filosofia Contemporânea.

Em princípio, isso pode parecer muito decepcionante para você, estudante de filosofia, que provavelmente esperava já entrar no curso produzindo suas “ideias próprias, originais,” sobre diversos temas e já entrar diretamente em questões do seu tempo, sem se voltar exclusivamente ao que já foi escrito. O que você já deve ter (e, provavelmente, já deve estar adquirindo) é a paciência exigida pelo estudo filosófico.

Há um grande dilema que provavelmente sempre irá acompanhar sua carreira filosófica: filósofo ou historiador da filosofia? Não é preciso responder isso agora, mas continuar o processo de aprendizagem filosófica conforme os autores são estudados. É possível, entretanto, percebermos algo importante.

Caso entremos a fundo naquilo que foi desenvolvido pelos autores, notamos que isso se monta na maioria das vezes na forma de diálogo entre eles. Assim, a Filosofia pode ter o seu desenvolvimento compreendido sobre a forma de uma grande “conversa” entre os diversos pensadores entre si. Muitos autores, mesmo aqueles que podem ser considerados pioneiros no tratamento de certas questões, começaram suas indagações e desenvolveram suas ideias a partir de outros filósofos, de forma semelhante ao que você fará ao longo dos seus estudos. Mas, antes de entrar nesse meio em que estão os grandes filósofos, é preciso fazer como eles fizeram: esforçar-se para compreender o que fora dito por quem produziu belos pensamentos outrora.

Não podemos ainda ignorar que você está em outro contexto, na ponta de toda uma tradição da produção filosófica. De certa forma, você é um privilegiado, pois tem à mão diversas obras às quais, em outro momento, seria muito mais difícil ter acesso. Além disso, você está na era da *internet*, o que lhe permite encontrar quase todos os textos e comentários essenciais da Filosofia. Você tem o caminho para os seus estudos facilitado e pode ter um bom diálogo com os autores, e isso é, sem dúvida, entrar neste mundo da Filosofia.

### A função deste Guia de Estudos

Como o título já indica, este material consiste em um *guia*, o que significa que ele não substitui as leituras indicadas ao longo deste módulo do Curso de Filosofia. Ele busca traçar o roteiro ligado ao tema aqui proposto e aquilo que esperamos que você atinja ao final de cada etapa e após o final de todas as atividades. Ele busca substituir, na medida do possível, as aulas expositivas de um curso presencial e busca auxiliar o desenvolvimento de autonomia suficiente para quem o siga possa, por si mesmo, passar com certa comodidade pela bibliografia sugerida.

Mas, apesar de não haver o objetivo de que ele seja todo o material deste módulo, este guia procura auxiliar na compreensão dos pontos que foram considerados os mais difíceis para alguém que ainda não está totalmente ambientado com o estudo filosófico – que é, sem dúvida, algo que leva algum tempo. Por exemplo, na Unidade II, referente à exposição aristotélica sobre outros pensadores, é esboçada a estrutura do argumento de Aristóteles para se referir ao pensamento platônico em um trecho da *Metafísica*; é uma parte muito complicada do texto, mas buscou-se extrair o que há de essencial nesse capítulo da obra de Aristóteles.

Este guia também fornece textos complementares para auxiliar na interpretação de partes do texto de Aristóteles, de modo que ela possa adquirir mais dinâmica; por exemplo, ainda na Unidade II, é apresentado o trecho da *Física* referente à teoria aristotélica das causas, invocada no início de *Metafísica A (I)*, 3.

### Tema deste módulo

O tema deste módulo do Curso de Licenciatura em Filosofia referente à disciplina de *História da Filosofia Antiga II* é o da metafísica. Busca-se delinear a origem do que ficou conhecido por esse termo e cuja formulação ou explicitação parece ser tributária do pensamento de Aristóteles.



Esse filósofo tem uma obra intitulada, precisamente, *Metafísica*. Apesar disso, não concluímos diretamente que Aristóteles seja o autor dos estudos acerca da metafísica e daquilo que é conhecido por *ontologia*. Este segundo termo se refere ao estudo sobre o ser ou sobre a substância; ou, para definir de forma um tanto simplista, sobre as coisas, sobre aquilo que existe em oposição ao que é fugidio, passageiro e que é incapaz de sustentar a realidade e o conhecimento acerca daquilo que há. Apesar de metafísica ser um tema mais amplo do que ontologia, nada impede que elas sejam tomadas aqui como dois estudos intrinsecamente ligados, como poderá ser notado ao longo de nossas atividades<sup>2</sup>.

Convidamos você, então, a buscar os primórdios de um tipo de estudo aristotélico que ainda é determinante para a história da Filosofia, pois a metafísica foi, de certa maneira, importante para os autores que antecederam Aristóteles e para os seus contemporâneos, além de ter continuado por muito tempo a influenciar diversos autores. O tema da metafísica manteve sua importância durante boa parte do período moderno da Filosofia, embora tenha sofrido duro golpe a partir da obra *Crítica da Razão Pura*, escrita por I. Kant. Apesar de ter alterado de maneira crítica a forma como passaríamos a ver a metafísica, esse livro não foi suficiente para apagar esse tema dos estudos filosóficos.

Buscaremos entender um pouco da origem, da modalidade de estudo, do objeto da metafísica e inclusive das possíveis motivações que Aristóteles encontra para que se volte para tal estudo. Aristóteles, como é mostrado a seguir, pode servir de um grande guia para você nessa empreitada.

### **Justificativa para o tema referente à disciplina de Filosofia Antiga II**

“*Todos os homens desejam por natureza conhecer*”. Essa afirmação, que abre o primeiro livro da *Metafísica* de Aristóteles, já se apresenta como grande convite para entendermos a obra desse autor e pode

---

<sup>2</sup>Principalmente a partir da última unidade.

servir de roteiro de investigação, como nota Jonathan Lear<sup>3</sup>. Vale a pena acompanhar parte da produção filosófica de Aristóteles, que, ao longo da sua vida, expressa claramente o desejo indicado na sua frase, a qual por si só pode ainda servir de motivação para as novas gerações. Os textos desse autor ainda são capazes de gerar “admiração” (*taumázein*) pela Filosofia, de levantar problemas centrais a ela ligados e de ilustrar a perenidade que se reconhece em uma obra clássica.

Como você poderá notar, em Aristóteles, há um espírito de organização. Esse filósofo não foi exatamente o primeiro a tratar de todos os temas presentes os seus livros. Aquilo que é por ele tratado nem sempre é feito de maneira absolutamente inédita nos seus textos. Porém, é neles que se encontram pela primeira vez a melhor expressão para diversos tipos de investigação. A contribuição de um filósofo não se reduz apenas à descoberta de novos assuntos e conceitos, mas também à melhor expressão ou problematização de um assunto. A organização de um pensamento permite que se tenha melhor visão sobre algo que se queira resolver. Nesse processo de observar o que foi feito e de se esforçar para colocar os pensamentos anteriores nos lugares mais adequados, Aristóteles também foi responsável por desenvolver modalidades de estudos ou modalidades de ciências; ele passou a ter uma obra voltada para cada assunto – por exemplo: para a Física, para a Biologia, para a Astronomia, para a Ética, para a Política etc. É óbvio que cada uma dessas modalidades científicas não interrompeu o seu processo de aprimoramento, mas Aristóteles foi importante para colocá-las nos seus devidos lugares.

Em suma, dentro de uma disciplina de História da Filosofia Antiga, o estudo da obra de Aristóteles se demonstra adequado em função da gama de assuntos, de teses e de conceitos que ele levanta. O esforço de compreensão do pensamento aristotélico nos arma com um excelente instrumental que nos torna aptos para continuar nossas atividades filosóficas. O trabalho sobre os textos de Aristóteles é, assim, adequado para o exercício de leitura e para aprimorar a capacidade de expressão.

---

<sup>3</sup>LEAR, J., *Aristóteles: o desejo de entender*, 2006.

Ao longo desse processo organizador, Aristóteles levanta teses de outros autores que o antecederam, o que permite remontar as concepções de tais filósofos ao longo do estudo dos textos aristotélicos. Isso contribui para o desenvolvimento de modalidades de estudos. Há estudos que logo se destacam, como a lógica e a física, que se voltam respectivamente, *grosso modo*, para as regras do pensamento e para o movimento na natureza. Delinear tais disciplinas parece um pouco menos custoso pelo fato de elas terem objetos de estudo que se revelam com menor dificuldade. Isso já torna importante destacar a ligação entre uma modalidade de estudo e o seu respectivo objeto.

Entretanto, ao longo de suas pesquisas, Aristóteles nota que há um assunto que merece ser estudado, mas que não se revela de maneira tão imediata. Esse tema se refere diretamente à realidade das coisas. *Grosso modo*, no mundo há constantemente mudanças, seja pelo movimento das coisas, seja pelo nascimento ou perecimento das mesmas. Quando isso é levado ao limite, nada parece permanecer com a mesma forma ou do mesmo jeito; tudo estaria em eterna mudança.

Um autor anterior a Aristóteles, Heráclito, que teria sido vencido pela constante alteração gerada em tudo, admitiu que a realidade das coisas apoiar-se-ia na constante mudança de tudo o que existe. Toda a realidade seria oriunda de um jogo de oposições, como dia e noite, claro e escuro, vida e morte, quente e frio etc. Porém, a partir de outro autor também anterior a Aristóteles, Parmênides, passou a ganhar terreno a consideração de que a constante mudança de tudo ou a não permanência como o mesmo poderia impedir o conhecimento humano. Assim, conforme as ideias de Parmênides, caso algo não permanecesse ou mantivesse uma identidade, seria impossível haver saber, já que o pensamento e o discurso (expressão do pensamento) não teriam referências às quais se prenderem. Assim como a visão não pode se fixar em algo que está em constante movimento, o pensamento ou a razão não podem ter objeto para se focar caso não haja nada de caráter permanente, isto é, para além das mudanças que constantemente são expressas por nossos sentidos ou percepções.

Aristóteles vai também em direção a esse algo de caráter fixo, para além das mudanças que notamos no mundo (sem aderir, no entanto, à posição radical de Parmênides<sup>4</sup>). Como foi dito, os sentidos costumam apresentar tais alterações, o que significa que eles não seriam bons indicadores daquilo que permanece. Uma vez que aquilo que é dado pela dimensão sensível não se revela um bom parâmetro acerca daquilo que permanece, parece restar à razão essa tarefa.

Desde o seu nascimento, o ser humano é dotado de sentidos e já passa a usá-los, assim como a maioria dos animais. Os sentidos são espécies de “janelas” que nos apresentam imagens do mundo. Apenas em certo momento de nossa vida é que adquirimos e passamos a usar a razão. Nós podemos, entretanto, não usá-la em sua plenitude; podemos não procurar entender as causas de certos eventos ou podemos fazer isso de forma bem simples. Podemos, por exemplo, saber que um corpo, quando solto no ar, cai sem nunca termos nos questionado acerca desse fenômeno ou pensado em algo como a “lei da gravidade”. Na contramão disso, podemos usar nossa faculdade racional de modo radical, ou seja, para entender o máximo possível de nós mesmos e de tudo que nos cerca. Em meio a tal processo pela busca do saber, impulsionados por questionamentos, é que é possível chegar a um limite, que seria a tentativa de descobrir a origem da realidade de tudo o que existe.

Caso o procedimento de busca pelo entendimento da causa das coisas não seja mais de cunho religioso, caso em que predomina na maior parte das vezes a fé<sup>5</sup>, cabe à razão a investigação de tal princípio. Aristóteles adotou o método racional para essa busca pela causa do existente ou daquilo que permanece, sustentando o que há. Mas esse objeto não se revela imediatamente, assim que se levanta o problema referente ao mesmo. Se tal

---

<sup>4</sup> Parmênides levaria essa noção ao limite, a ponto de identificar ser e pensamento e de defender a existência de um único ser.

<sup>5</sup> Isso não quer dizer que essa seja uma forma inferior de busca pela causa daquilo que existe, mas sim uma modalidade diferente acerca de tal causa. Vale lembrar que a Filosofia tem sua origem antes a partir de uma separação no que diz respeito ao pensamento mitológico do que a partir de uma negação absoluta deste. Cada modelo explicativo tem o espaço que lhe é próprio, sem a necessidade de confrontá-los.

objeto não é tão claro, também não é claro o tipo de investigação, ou talvez de ciência, com que possamos tratá-lo.

Apesar de não ser possível tratar por completo<sup>6</sup> esse tema ligado ao objeto e ao próprio estatuto da metafísica, vale a pena passar por alguns pontos da obra *Metafísica*, principalmente do primeiro livro (Livro A), para notar como Aristóteles indica as ideias centrais que foram determinantes para o estudo acerca das supostas causas e princípios do ser. Tais causas, princípios e o próprio ser podem ter suas definições esboçadas após delinear o lugar da investigação qualificada como metafísica por Aristóteles.

## Objetivos

### A. Gerais

Além de convidá-lo a se esforçar no aprendizado do tema acima introduzido, este módulo de curso tem outros objetivos referentes a uma formação mais ampla, ligada ao próprio curso de Filosofia como um todo, e ao acréscimo de outras competências à sua formação, indicadas nos seguintes itens:

- a. Permitir produção acadêmica na forma de produção escrita.
- b. Atravessar um período extremamente importante da história da Filosofia.
- c. Mostrar o surgimento de algumas questões filosóficas clássicas por meio do exame de textos da tradição filosófica.

---

<sup>6</sup> Esse não costuma ser o objetivo de qualquer disciplina em uma graduação em Filosofia, pois o objetivo do curso está relacionado a uma ambientação com os principais temas, autores e conceitos e não a uma abordagem da totalidade do que foi desenvolvido ao longo da tradição filosófica. O estudioso, nesse caso, é um eterno estudante que deve por si só tomar certos ângulos da Filosofia e tratá-los por si mesmo.

- d.** Preparar para a lida com os textos de Filosofia, ou seja, preparar os alunos e incentivá-los para que se debrucem sobre as próprias obras dos autores de Filosofia.
- e.** Preparar para o uso de material de apoio de outros estudiosos na compreensão dos temas filosóficos e do debate dos comentadores a eles relacionados.
- f.** Incentivar a adotar perspectiva crítica (positiva) perante as obras dos autores investigados e diante dos comentários a eles voltados.
- g.** Dotar os alunos dos principais requisitos para que possam ter facilitado o caminho profissional.

Esperamos que, após o desenvolvimento dos módulos, você tenha base sólida não apenas em temas da filosofia antiga, como também tenha boa formação acerca de outros pontos da história da Filosofia em geral; que você esteja habilitado para a leitura filosoficamente significativa; que você se aprimore em sua expressão filosófica, principalmente escrita.

### **B. Específicos**

Conforme também ao que foi apresentado, pode-se mostrar o que se espera que você aprenda a partir do conteúdo a ser trabalhado neste módulo de curso.

Há a proposta de reconstruir os primórdios daquilo que passou a ser entendido como metafísica e como ontologia, o que toca a razão especulativa ou teórica. Ao adentrar as dificuldades aristotélicas sobre os problemas acerca do ser e da substância, é possível entender como a faculdade racional pode participar de um processo que a leva ao seu limite, quando se busca compreender os fundamentos daquilo que há.

Esperamos que você compreenda a operação da razão nessa dimensão especulativa. Você deve entender, ainda que parcialmente, o processo aristotélico de delineamento de um tipo de investigação que seria a

mais profunda dentro das modalidades de reflexão filosófica, como a política, a ética, a teoria do conhecimento etc.

Entender o desenvolvimento da pesquisa metafísica é também entrar no tipo de investigação que mais comumente costumamos considerar como Filosofia. Há grandes indícios de que Aristóteles, em sua investigação sobre a ciência acerca do ser e sobre o objeto da mesma, estaria investigando a própria Filosofia, pois, em seu texto, ele usa constantemente o termo *sophia*, a sabedoria, uma palavra chave para a própria definição clássica de *filo-sofia*. Entender a procura pelo fundamento da realidade das coisas pode ser também entender a Filosofia no seu aspecto mais profundo; mas é de se perguntar se isso definiria toda a Filosofia.

### **Orientações de aprendizagem**

Este módulo propõe níveis diversos de aprendizagem. Você pode se focar apenas nos seus elementos essenciais ou (e é o que mais desejamos) aprofundar-se nos assuntos tratados. Esperamos que a forma como os temas são apresentados lhe permita ganhar capacidade suficiente para pesquisar, investigar, aprimorar-se, expandir, desenvolver o seu conhecimento sobre os temas e autores ligados à filosofia antiga.

Não diremos que isso é tarefa fácil. A Filosofia é uma atividade muito ligada à leitura, mais do que normalmente os estudantes imaginam. Não há alternativa, além do amor ao saber; a Filosofia também deve ser *amor à leitura*. Todavia, não se trata de qualquer leitura, como no caso de uma obra literária, em que conta mais a imaginação do leitor; em relação aos textos filosóficos, a leitura é lenta e meditada, a fim de que se entenda de forma mais precisa possível o que é dito pelo autor. Isso exige ler e reler os textos filosóficos até que se extraia aquilo que, por assim dizer, está nas *entrelinhas*. Os filósofos se valem da língua cotidiana, mas eles normalmente alteram o sentido original dos termos, que, daí por diante, ficam à mercê da proposta do autor. Dessa forma, entende-se o nascimento daquilo que em Filosofia é conhecido por *conceito*. Para ilustrar isso, pode-se tomar o termo *alma*, que normalmente (no nosso tempo) é usado pelo senso comum para expressar

algo espiritual ou algo ligado a uma dimensão para além desta vida; para Aristóteles, por exemplo, o termo alma não se restringe a essa noção, pois, dentre os significados atribuídos ao termo alma por esse autor, há o que se refere ao movimento animal, ou seja, a alma é que fundamentaria o movimento animal. Nela também seriam marcadas as imagens daquilo que é fornecido pela percepção.

Portanto, o conhecimento dos temas da Filosofia exige a constante leitura com grande atenção das principais obras desse ramo do saber. Essa tarefa, entretanto, não deve desanimá-lo, pois o entendimento sobre as questões filosóficas pode ser algo muito prazeroso<sup>7</sup>.

### O que ler e tempo de dedicação

Ao longo desse módulo do curso de Licenciatura em Filosofia, serão indicados os textos principais a serem lidos. Eles servirão de orientadores para o seu aprendizado. A obra fundamental é a própria *Metafísica* de Aristóteles. Além de ser um livro extenso, ele também representa alto grau de dificuldade para sua interpretação graças à própria natureza dos temas abordados e à natureza inédita da procura de uma ciência do ser. Logo, o objetivo não é explorar essa obra aristotélica por completo, mas apenas selecionar trechos que toquem às questões por nós levantada ao longo deste guia de estudos. Não será nem mesmo possível explorar todas as referências ligadas ao problema da metafísica, visto que esse tópico por si só já é bastante denso para ser completamente percorrido. Ficará a seu encargo aprimorar a pesquisa sobre tal assunto em outro momento, conforme o seu interesse.

Devemos destacar as partes da *Metafísica* que serão fundamentais para os nossos estudos, a saber, os livros A (I), parte do livro Γ (IV) e parte do livro Z (VII). Como introdução, o primeiro capítulo do livro A (I) será cuidadosamente apresentado, pois sua análise também poderá ilustrar a forma como esperamos a interpretação de um texto de Filosofia,

---

<sup>7</sup> Isso inclusive será um dos temas de fundo deste módulo, conforme o que é escrito na primeira linha da *Metafísica*.



principalmente quando se trata de Aristóteles, para o qual quase toda palavra ou conceito tem função essencial na exposição do pensamento. A partir livro A (I), poderemos extrair questões que podem ser em parte respondidas por outros textos dessa obra. O restante dos trechos da *Metafísica* serão apresentado ao longo desse módulo do curso.

Há textos de apoio para a compreensão do pensamento de Aristóteles. Dentre os textos dos estudiosos de Aristóteles, destacamos o *Ensaio Introdutório* e o *Sumário e Comentário à “Metafísica”* de G. Reale, que são respectivamente os volumes I e III<sup>8</sup> de sua edição e tradução da *Metafísica* de Aristóteles, a tradução base deste módulo. Há a bela obra de P. Aubenque, *O problema do ser em Aristóteles*. Outra obra importante é o livro de J. Lear, *Aristóteles: O desejo de entender*.

Não é fácil afirmar quanto tempo devemos dedicar para o estudo dos textos de Filosofia. Isso não é algo que se quantifique de forma precisa. Num curso de Filosofia, não se prioriza a quantidade de textos lidos, mas sim principalmente a qualidade do estudo, pois é isso que permite a legítima aprendizagem, que deve ocorrer por um processo contínuo. Você deve ler com tranquilidade e de forma reflexiva; o texto de Filosofia representa uma comunhão com o pensamento do autor. Nada que é apresentado por um autor de filosofia pode ser tomado como óbvio e ser aceito como se fosse um tipo de história que se extrai de uma obra literária. No texto filosófico, há a construção de um pensamento, que se dá numa espécie de movimento em que todos os elementos têm sua importância para a elaboração da tese pretendida. Na maioria das vezes, não captamos imediatamente a construção desenvolvida pelo autor, sobretudo das partes que integram a obra. Logo, os textos filosóficos exigem constantemente releituras, principalmente em casos de filósofos do período antigo da filosofia, e isso pode tomar tempos distintos

---

<sup>8</sup> Para facilitar a localização da obra desse estudioso, a referência se dará da seguinte forma: REALE, vol. I e página para *Ensaio Introdutório*; REALE, vol. III e página para *Sumário e Comentário à “Metafísica”*. No caso da obra *Metafísica* de Aristóteles, será usada a sigla *Met.* e a numeração padrão após o título da obra: livro com ordem a partir alfabeto grego e equivalente em algarismo romano entre parêntese, capítulo e parágrafo, o qual é encontrado nas margens do texto. Outros autores têm seus comentários citados a partir do sobrenome, normalmente data da obra e página.

## **História da Filosofia Antiga II**

---

para cada indivíduo. Mas, para não deixar vazio este tópico sobre o tempo de estudo, podemos sugerir que você separe no mínimo três horas por dia para a leitura sem pressa dos textos deste módulo.

## UNIDADE 1: A ORIGEM DA *METAFÍSICA* E A CIÊNCIA METAFÍSICA

### Objetivos específicos de aprendizagem:

- Introduzir o tema da metafísica e a obra *Metafísica*;
- Notar os problemas ligados a esse tema encontrados por Aristóteles;
- Entender as dificuldades de se encontrar algum objeto para a metafísica;
- Reconhecer a prova buscada por Aristóteles para o desejo natural humano; pelo saber;
- Notar a estratificação aristotélica que fundamenta o saber humano;
- Entender como, no topo da hierarquia do saber, pode estar a ciência mais nobre.

### Ao final desta Unidade você deverá ser capaz de:

- Reconhecer o modelo de investigação filosófica;
- Continuar a ambientação com os textos filosóficos;
- Aprender a ter visão global sobre uma obra filosófica para perceber a função dos temas específicos;
- Preparar-se para a redação de estilo filosófico;
- Entender o processo de interpretação de um texto de Filosofia do ponto de vista dos seus detalhes conceituais;
- Aprimorar sua capacidade de análise;
- Consolidar a leitura adequada de textos filosóficos.;
- Aprimorar a expressão filosófica.

### O termo *metafísica*

A metafísica se revela um tema muito rico por si só, em função de diversas questões por ela envolvidas e das diversas propostas de respostas procuradas para as mesmas; temas tão antigos quanto a própria origem da Filosofia. *Grosso modo*, há uma incessante busca por aquilo que poderia sustentar a realidade das coisas para além das mudanças que notamos no mundo. A investigação acerca do que sustenta o real ou o existente também seria o fundamento para verdade ou para o discurso acerca do mundo.

Como já vimos, trataremos a metafísica a partir do pensamento de Aristóteles. É quase certo que Aristóteles teria sido um dos primeiros a buscar entender a própria investigação metafísica, além do próprio objeto ligado a ela, mas ele não chegou a se valer do termo metafísica. Aristóteles não se refere à metafísica, mas costuma falar em sabedoria (*sofia*), filosofia primeira (*próte filosofia*), ou mesmo apenas filosofia. O surgimento da metafísica toca a própria forma como surgiu a obra *Metafísica*, que não foi diretamente compilada pelo autor dos textos que a integram.

Em relação ao texto *Metafísica*, é preciso afirmar que a obra de Aristóteles foi compilada posteriormente a ele. O mais provável é que o título e a organização dessa obra se devam a um dos principais editores da obra de Aristóteles, Andrônico de Rodes, por volta do séc. I a.C. Andrônico, que lecionou no Liceu, fundado por Aristóteles, seria um dos grandes responsáveis pela recuperação das obras aristotélicas.

A obra conhecida por *Metafísica* cria grandes problemas, a começar pelo fato de parecer se destoar da maior parte dos textos aristotélicos. Ela não parece tocar apenas temas tradicionais, como teologia, dialética e física nem mostrar uma uniformidade na sua exposição, ao contrário do que podemos observar em outras obras, por exemplo, o *Sobre a Alma (De Anima)*, que tem uma proposta e desenvolvimento bem definidos. A *Metafísica* se assemelha mais a uma coletânea de textos que de certa forma compartilham um tema em comum ou que não cabe em outros tratados, mas com perspectivas e com resultados diferentes. Provavelmente, como observa Jaeger, esses textos são resultados de um tipo de estudo por parte de

Aristóteles que foi realizado ao longo de sua vida e, como é normal para qualquer pessoa, o filósofo variou as formas de entender o tema em questão.

Independentemente de quem realmente tenha sido o editor das obras aristotélicas, ele deve ter encontrado um conjunto de textos que não se enquadravam claramente em uma das outras disciplinas, como a física (*Física*), a biologia (*História dos animais*), a política (*Política*) etc. Teriam restado 14 livros sobre um tema que Aristóteles considerava o mais nobre e que, após a primeira compilação de outros tratados do autor, teriam sido colocados depois (*metá*) dos estudos ligados à *Física*. É aceitável que se considere decepcionante que o título *Metafísica* tenha surgido apenas em função de uma catalogação sem que se priorize o conteúdo dos textos que integram tal obra, mas esta não é a única interpretação acerca de tal surgimento.

Mesmo que dificilmente cheguemos à resposta final para a origem do termo metafísica ligado a alguns textos de Aristóteles, pode-se aceitar que são escritos que compactuam de temas comuns ou ao menos próximos. Esse *meta*-física, se colocado à luz daquilo que é tratado pelo próprio filósofo, não parece descabido, pois Aristóteles de fato se empenha em entender algo que não pode ser resolvido na sua obra *Física*<sup>9</sup>. Trata-se da investigação de um assunto que não se reduz ao que notamos diretamente naquilo que se dá a partir da natureza das coisas que percebemos, pois nela, mais do que em qualquer outro tema, devemos usar quase que exclusivamente a razão. Porém, Aristóteles não parece entender que possamos compreender algo sem antes ter tido qualquer forma de experiência, como observamos no início da *Metafísica*, pois o saber emergiria de um processo a partir daquilo que é mais fácil de ser conhecido por nós; assim, devemos ter certo contato com aquilo que se passa na natureza antes de nos voltarmos para estudos mais abstratos, que por natureza deveriam ser os mais evidentes na dimensão do conhecimento, mas sem que isso signifique que sejam aquilo que se revela imediatamente a todos.


Também não podemos imediatamente pensar que o termo metafísica, ligado ao grupo de 14 textos, sirva apenas para significar o estudo

---

<sup>9</sup> *Física* I, 7, 191 a19-20.

de algo que não se limita aos objetos da física ou os seres sensíveis, sujeitos ao movimento e à geração e corrupção, pois a metafísica pode também querer dizer “*para além da física*”. Apesar de haver uma forma de teologia, voltado àquilo que haveria de mais supremo, em meio aos seus estudos (que provavelmente seria a filosofia primeira), é difícil considerar que bastaria isso para delimitar toda a investigação metafísica.

Essas são algumas das ideias (e pode haver mais) que devemos subentender no conceito de *metafísica*. Podemos, afirmar que Aristóteles buscou principalmente *uma ciência*, a mais nobre, que indicasse o fundamento para *a realidade no seu aspecto mais geral*, e esses são os pontos que deveremos ter em mente neste módulo.

|  |   |
|--|---|
|  | <p style="text-align: center;"><b>Leituras Obrigatórias</b></p> <p>REALE, vol. I, pp. 27-36 (O termo <i>metafísica</i> e a obra <i>Metafísica</i>).</p> |
|--|---|

### Os livros da *Metafísica*

Não se deve ignorar que a *Metafísica* apresenta dificuldades em diversas modalidades, desde o seu próprio tema até seu aspecto material (e isto talvez também crie as dificuldades de interpretação) ou a forma como ela foi editada.

Há quem tenha uma visão pessimista acerca dessa obra<sup>10</sup> e há outros que, apesar das dificuldades, encontram caminhos para nela conceber harmonia<sup>11</sup>. Mas nós, que estamos no processo de adentrar a *Metafísica*, não devemos nos enveredar por tal problema antes de termos a compreensão ao menos parcial de alguns temas da obra.

---

<sup>10</sup>BARNES (1995), “*What is Metaphysics?*”, p. 69.

<sup>11</sup> Reale busca tal unidade a partir da teologia aristotélica, que culmina no livro Λ (XII), em que são apresentadas as entidades do mundo supra-sensível (REALE, Vol. I, pp. 46-48).

É interessante começarmos por um panorama acerca do que é tratado na *Metafísica*. Para isso, Jonathan Barnes apresenta um bom panorama:

*“A palavra “metafísica” não é aristotélica, e a Metafísica de Aristóteles foi assim intitulada posteriormente por um último editor<sup>12</sup>. Mas há um assunto vaga e diversamente chamado de ‘sabedoria’, ou ‘filosofia’, ou ‘filosofia primeira’, ou ‘teologia’, que Aristóteles descreve e se vale em sua Metafísica; e o seu tema lida com diversos assuntos que devemos agora caracterizar como metafísicos. A Metafísica é, em sua maior extensão, uma obra de metafísica. Aristóteles faz comentários sobre questões metafísicas em outras partes de suas obras [...].*

*Quais foram as alegações metafísicas de Aristóteles e o que é a Metafísica de Aristoteles? A última questão é a mais fácil de ser respondida. A obra, como conhecemos agora, divide-se em quatorze livros de inigualável extensão e complexidade. O livro Alpha (I) é introdutório, pois articula a noção de uma ciência dos primeiros princípios ou causas das coisas e oferece uma história parcial do tema. O segundo livro, conhecido como “Alpha Menor (II)”, é uma segunda introdução, amplamente metodológico no conteúdo. O livro Beta (III) é uma longa seqüência de problemas ou aporíai; possíveis respostas são superficialmente esboçadas, porém o livro é mais programático que definitivo. O livro Gamma (IV) parece iniciar o assunto de fato, pois ele caracteriza algo que é chamado de “a ciência do ser enquanto (qua) ser” – e então entra em*

---

<sup>12</sup> A frase grega “*ta meta ta phusika*” significa “aquilo que vem depois da Física”; mas há controvérsias acerca daquilo que o editor teria em mente ao desenvolver tal título.

*uma discussão do princípio de não contradição. Posteriormente, no livro Delta (V), surge o “léxico filosófico” de Aristóteles, com cerca de quarenta termos filosóficos, que são explicados, mas seus diferentes significados são pouco definidos e ilustrados. O livro Épsilon (VI) é breve e retorna à ciência do “ser enquanto (qua) ser”; ele também transmite alguns comentários sobre a verdade.*

*Os livros Zeta (VII), Eta (VIII) e Theta (IX) se integram e juntos formam o núcleo da Metafísica. Seu tema principal é a substância, sua identificação, sua relação com matéria e forma, com ato e potência, com mudança e geração. O argumento é extremamente tortuoso, e está longe de esclarecer a visão final de Aristóteles sobre o tema – se é que ele chegou a posições finais. O livro seguinte, Iota (X), diz respeito às noções de unidade e identidade. O livro Kappa (XI) consiste em um resumo dos livros Gamma (IV), Delta (V), Épsilon (VI) e ainda partes da Física. No livro Lambda (XII), retornamos ao estudo do ser e dos primeiros princípios; o livro contém a teologia de Aristóteles, seu relato sobre os “motores imóveis”, que são em certo sentido as entidades supremas de seu universo. Finalmente, os livros Mu (XIII) e Nu (XIV) se voltam para a filosofia da matemática, discutindo em particular o estatuto ontológico dos números.*<sup>13</sup>

Os trechos sublinhados na citação acima serão tratados neste módulo.

---

<sup>13</sup>J. Barnes (1995), “O que é Metafísica?”, tradução do trecho: Vilas Boas, Patrícia Braz, pp. 66-68.



## Temas da Metafísica

Depois de passarmos pela estrutura geral da *Metafísica*, é importante esclarecermos mais um pouco os principais temas ou tipos de investigação ligados à metafísica de Aristóteles. Eles podem ser identificados da seguinte forma:

1. *Investigação das causas (aitías) e princípios (arkás)*: Como veremos a partir do livro A (I), a metafísica é considerada ciência das causas e dos princípios<sup>14</sup> primeiros. Podemos inicialmente entender por *causa* aquilo que dá origem e explicação a algo. Deve-se enfatizar o aspecto teórico envolvido nisso. Quando Aristóteles se refere à causa, ele toma a expressão “por que”, pois, quando se revela o “por que” de algo, revela-se sua origem, sem que precisemos da ocorrência efetiva do fato para explicá-lo. Um astrônomo, por exemplo, sabe a causa de um eclipse, sem precisar do testemunho dos seus sentidos para adquirir tal saber, já que conhece a causa do fenômeno. Essa noção de saber o “por que” ou a causa de algo, no caso da metafísica, é aplicada junto aos princípios e causas mais gerais e supremos ligados ao ser.

2. *Investigação acerca do ser enquanto ser*: Essa talvez seja a definição mais comum de metafísica. Ela se refere à ciência do “ser enquanto ser” ou da realidade enquanto tal. Seria a busca pelo próprio fundamento do que há ou daquilo que faz com que algo seja e exista, apesar das variações ou acidentes que se associam a algo que seria ou existiria por si mesmo. Nesse tipo de estudo, indicado principalmente no livro  $\Gamma$ (IV), há orientação sobre as diversas formas de dizer o ser ou os diversos tipos de predicação, que têm o ser como fundamento ou que ainda se ligam à primeira forma de se referir ao ser, sob a categoria da substância.

3. *Investigação acerca da substância (ousía)*: Após assegurar a ciência do ser e entender alguns dos requisitos para que algo fundamente a


---

<sup>14</sup> Para simplificar, por enquanto, causa (*aitía*) e princípio (*arké*) podem ser tomados quase como sinônimos, pois expressam a origem de algo. Com o desenvolvimento deste módulo, poderão ser notadas as nuances referentes a cada um, principalmente no que diz respeito ao conceito de causa, que também deverá ser tomada como “forma de explicação”.

realidade, é preciso expor efetivamente a natureza de tal objeto. O ser, o referencial último, seria identificado à substância, a qual diz respeito ao fundamento do real não apenas do ponto de vista lógico (quando se fala em ser), mas doravante do ponto de vista das próprias coisas (ontologia). Mas, apesar de se tratar de uma procura pela própria realidade, nessa outra forma de investigação, o autor não perde o foco na busca pelo aspecto das coisas que permite o conhecimento, apesar das mudanças no mundo. O tema da substância é objeto central do livro Z (VII).

**4. *Metafísica como Teologia*:** Aristóteles busca o ser nas coisas, a substância no mundo. Há, de fato, um grande problema em se atribuir o caráter de ser aos sensíveis<sup>15</sup>. Entretanto, o autor não deixa de questionar se não haveria substâncias não-sensíveis e supra-sensíveis, como é indicado na série de problemas do livro B (III). Em meio aos seus questionamentos, ele encontra espaço para seres não-sensíveis e incorruptíveis (ou imperecíveis). Dentre esses, haveria seres móveis, os astros, e um ser imóvel ou o Primeiro Motor imóvel, que são tratados no livro  $\Lambda$  (XII).

Neste Módulo de Filosofia Antiga II, além do próprio problema ligado à noção de ciência metafísica, serão investigadas, em parte, as modalidades de investigação 1, 2 e 3.

| <b>LEITURAS OBRIGATÓRIAS</b>  |  |
|---|--|
|  | REALE, vol. I, pp. 37-46 (Temas da <i>Metafísica</i> ).<br><br>ARISTÓTELES, <i>Metafísica</i> , Livro A (I), capítulos 1-2 (Reale, Vol. II). |

O objetivo é, apesar das dificuldades envolvidas na *Metafísica*, buscar o espaço aberto para a investigação metafísica e para algumas questões e respostas que Aristóteles desenvolve posteriormente no seu caminho filosófico. Isso torna importante começar pelo livro *Alpha* ( ou *Met*

<sup>15</sup> Isso será entendido ao longo do módulo.

A(I)), que, apesar de não exibir exatamente o roteiro a ser seguido pelo autor, ao menos revela uma espécie de intenção de investigação.

Vale já adiantar que este módulo tem menos o objetivo de fornecer uma resposta final para o tema da metafísica do que indicar os problemas a ela ligados.

### **Metafísica, a ciência por excelência**

Feito esse panorama sobre a obra *Metafísica* e sobre alguns dos seus temas, chega o momento de entrarmos diretamente na obra de Aristóteles a partir de *Met A(I)*, o que nos permitirá extrair uma via para trilharmos dentro da obra. Como reconhecemos a dificuldade em ler o texto de Aristóteles, faremos juntos a interpretação do primeiro capítulo do primeiro livro da *Metafísica*.

O que vem a seguir é uma amostra de análise mais detalhada de um texto filosófico. Busca-se ilustrar a maneira de considerar uma obra de Filosofia, a busca pelo entendimento dos conceitos elaborados pelo autor e dos argumentos por ele desenvolvidos. Há a proposta de apresentarmos alguns conceitos centrais do pensamento aristotélico que possam ser úteis para a continuação das atividades neste módulo. Vale advertir que, apesar de ser uma proposta de leitura mais pormenorizada de um trecho da obra de Aristóteles, ela não se propõe a ser uma análise exaustiva, pois, como você poderá ainda notar, um texto filosófico, graças à sua densidade permite leituras mais profundas que lhe revelam mais facetas.

O trecho a ser analisado é o primeiro capítulo da *Metafísica* a partir da tradução de Giovanni Reale.. O texto de Aristóteles é aquele que está grifado; normalmente os termos chave estarão em negrito. Na sequência do texto aristotélico são acrescentados os comentários.

## METAFÍSICA

(Aristóteles)

### Livro A (I) - Capítulo 1

#### Desejo de perceber e de aprender

(980 a20) Todos os homens, por natureza, tendem ao saber. Sinal disso é o amor pelas sensações. De fato, eles amam as sensações por si mesmas, independentemente da sua utilidade e amam, acima de todas, a sensação da visão. Com efeito, não só em vista da ação, mas mesmo sem ter nenhuma intenção de agir, nós preferimos o ver, em certo sentido, a todas as outras sensações. E o motivo está no fato de que a visão nos proporciona mais conhecimentos do que todas as outras sensações e nos torna manifestas numerosas diferenças entre as coisas.

#### Comentário:

- *“Todos os homens, por natureza, tendem ao saber”*.

► **Por Natureza:** nesse caso, aquilo para o que se tende por si mesmo e dadas as condições suficientes para que a atividade natural se inicie. Não é preciso mais nada para que esse tipo de tendência se encontre potencialmente em algo, mas é preciso boas condições externas para que ele aconteça.

► **Desejo:** um elemento essencial para o movimento de qualquer animal, inclusive o racional. O ser humano também se move basicamente para alcançar aquilo que gera prazer e para evitar aquilo que causa dor. Isso pode ser sofisticado e tornar-se a busca por um bem ou fuga para evitar um mal (neste caso,

referente ao conhecer, é esse tipo de fim que parece estar em jogo).

► **Saber (*eidenai*):** trata-se de conhecer ou de saber, não ainda de ciência (*epistême*), ou de sapiência (*sophia*), ou mesmo de filosofia. Há um processo que começa de maneira branda.

- ***“amam as sensações por si mesmas [...] por si mesmas, independentemente da sua utilidade [...] acima de todas, a sensação da visão”***

► *amam as sensações:* Uma prova aparentemente estranha, pois um conceito do campo intelectual tem sua presença defendida a partir das sensações (*aisthesis*). Porém, Aristóteles não se refere apenas às sensações, mas ao *prazer* das sensações, o que pode se referir a uma raiz comum entre saber e sensação a partir do prazer. O que está em jogo é mais um tipo de intenção de saber do que exatamente o saber já melhor constituído.

► *independentemente da sua utilidade:* Apreciação da própria percepção. Um prazer dado na própria sensação, sem que nada mais seja almejado, ou seja, sem que se busque outro fim. O prazer não é uma atividade fácil de ser definida ou descrita, mas pode-se ter ideia do que significa ter uma sensação prazerosa, que fornece um “bem estar”.

- ***“Com efeito, não só em vista da ação, mas mesmo sem ter nenhuma intenção de agir, nós preferimos o ver, em certo sentido, a todas as outras sensações [...] nos proporciona mais conhecimentos”.***

► ***“nós preferimos o ver, em certo sentido, a todas as outras sensações”:*** O sentido que mais comprova a tese do autor.

Pode-se notar que dentre todas as sensações, as visuais são as mais ricas. O sentido da visão é o que mais explicita detalhes das coisas, como cores, movimento, formas, tamanhos, distâncias etc. Esse sentido ilustra bem o que se passa com a percepção quando não dirigida para outra coisa que a fruição por ela própria. Quando não se está voltado para nenhuma atividade prática ou para uma ação que traga outra coisa, tende-se a permanecer focado no sentido da visão de algo, o que já gera deleite no observador. Isso seria pelo fato de a visão também ser a sensação que traz mais informações sobre as coisas. A quantidade de prazer seria diretamente proporcional à quantidade de informações que alguém possa ter acesso.

Vale a pena ver o comentário de J. Lear, que além de indicar o desejo de saber na *Metafísica*, usa o próprio Aristóteles e a ele mesmo para ilustrar tal aspiração :

*“Aristóteles está nos atribuindo um desejo, uma força, que nos impele na direção do conhecimento. É claro que sobre alguns, esse desejo não exerce grande influência, mas para alguns de nós, esse desejo desempenha um papel importante em nossas vidas. Sem nenhuma dúvida, Aristóteles acreditava que era esse desejo que o motivara para a pesquisa e reflexão que o levou a escrever a Metafísica, e ele confiava nesse desejo para levar outros a estudarem-na. É esse desejo responsável pela sua leitura, leitor, e por eu ter escrito este livro.*

*Como Aristóteles sabia que tínhamos esse desejo? Não se pode saber o conteúdo de um desejo enquanto não soubermos aquilo que em última instância o satisfaz. Por essa satisfação, ficamos*

*sabendo sobre o desejo que ele é um desejo de algo. Eis porque Aristóteles fala do prazer que temos com nossos sentidos. Se o conhecimento que perseguimos fosse apenas um meio para se chegar a um fim, digamos, o poder para sobre outros, ou o controle do meio ambiente, então o nosso desejo não seria um desejo de conhecimento. Pois embora usemos nosso conhecimento sensorial para nos organizarmos no mundo e para alcançar finalidades práticas, esse conhecimento também é procurado como fim nele mesmo, por ele mesmo”<sup>16</sup>.*

Assim, há um desejo fundamental pelo saber, que pode não encontrar um caminho para fluir, para alcançar o conhecimento, ao menos num aspecto mais elevado, como poderemos notar. Porém, vale reforçar, mesmo que alguém não avance tanto em relação às sensações e percepções, ele ainda mantém em potência (natural) algo que pode impulsioná-lo em direção ao saber. Assim, Aristóteles esboça o que poderíamos considerar uma espécie de psicologia do conhecimento ou acerca de um movimento da alma em direção ao saber.

### **Estratificação entre saberes**

**(980 a27) Os animais são naturalmente dotados de sensação; mas, em alguns, da sensação não nasce a memória, ao passo que em outros nasce. Por isso estes últimos são mais inteligentes e mais aptos a aprender do que os que não têm capacidade de recordar. São inteligentes, mas incapazes de aprender, todos os animais incapacitados de ouvir sons (por exemplo, a abelha e qualquer outro gênero de animais desse tipo); ao contrário, aprendem todos os que, além da memória, possuem também o sentido da audição.**

---

<sup>16</sup> LEAR (2006), pp. 14-15.

## Comentário

Processo de estratificação elaborado por Aristóteles:

(i) Todos os animais são, *por natureza*, dotados de sensação; faculdade comum a todos os animais.

(ii) Em alguns dentre eles, *a partir das sensações*, surge a memória.

(iii) Esses, que são *aptos a adquirir memória*, são mais inteligentes e são mais aptos para aprender.

(iv) Há animais mais inteligentes (pois parece que são *dotados de memória*), mas incapazes de aprender por causa da falta do sentido da audição.

- O caso das abelhas, que por falta de um dos sentidos, da audição, acaba por excluir o que em princípio poderia ter a capacidade de aprender. Apesar de supostamente estar apta para aprender, graças à memória, não pode mais permanecer efetivamente no grupo dos animais que podem aprender. Aristóteles considera que tudo indica que as abelhas não escutam (*Hist. Na.*, 627a17).

(v) ► ***[...] aprendem todos os que, além da memória, possuem também o sentido da audição***

– **Sensação (percepção) e memória:** elementos essenciais para o aprendizado e, provavelmente, para o *saber*. Isso significa que se passa obrigatoriamente por esses níveis para a aquisição de conhecimento (*eidenai*). Apontam-se diferenças fundamentais conforme essa escala de conhecimento que, por enquanto, tem ponto de partida na sensação. Há seres que apenas têm sensação. Há outros que têm alguma(s) sensação(ões) e



memória; porém, apenas os que escutam podem ser ensinados. Isso cria uma escala em relação ao que Aristóteles chama de inteligência.

### Continuação da hierarquia e a esfera humana

(980b26) Ora, enquanto os outros animais vivem com imagens sensíveis e com recordações, e pouco participam da experiência, o gênero humano vive também da arte e de raciocínios.

### Comentário

► **imagens (*phantasia*); imaginação:** imagem é a permanência de algo na alma (na mente) quando não se tem mais o objeto diante de si. É a forma como a imagem de algo nos chega, independentemente de ser certa ou errada, isto é, de corresponder à própria coisa que seria representada pela imagem.

► **recordações (*mnéme*):** é o processo de reavivar algo que já fora vivido ou experimentado ou ainda para recuperar uma imagem. Liga-se a uma noção de tempo; lembrar-se, por exemplo, da situação, da sucessão de algum conjunto de fatos.

► **experiência (*empiria*):** praticar alguma coisa, viver uma situação, participar de um fato, sentir algo etc. Algo que poucos animais possuem.

Experiência e memória parecem ter estreita ligação. Se um fato é vivido uma, algumas ou muitas vezes, de certa forma ele cria marcas, e a partir disso já se tem um noção do que virá caso se encontre em situação semelhante. Com a posse da faculdade de lembrar, pode-se unificar o que já

fora vivido em uma só coisa ou, talvez, em um só conceito. Há, assim, um processo de universalização. Ganha-se habilidade em interpretar o presente a partir do passado. Nos outros animais, pode haver algo desse tipo, mas conforme aquele processo de arquitetura acerca do que caracteriza o ser humano, notamos que este vai alguns passos além desse “saber” empírico.

► **espécie humana:** O ser humano entra em cena e já assume uma escala superior no que diz respeito ao saber. Devemos lembrar que o ser humano possui também aquilo que está nos animais em escala inferior; ele não se limita a viver de imagens e recordações. Entramos definitivamente na esfera humana.

► **arte (*technê*):** o conhecimento teórico ou a excelência no que diz respeito à *produção (poiesis)*.

► **produção (*poiesis*):** uma atividade em que o fim buscado (a filosofia aristotélica se centra muito na ideia de *teleologia*, que forma um par importante com a excelência) pelo movimento é exterior à própria ação. Um caso típico de produção é o do artesão, pois no processo artesanal, apenas após o final de toda a tarefa é que se tem o produto final, que não está presente em toda atividade produtiva.

► **raciocínios (*logismos*):** cálculo, que pode ser tanto teórico (ciências) quanto prático (deliberação).

Ciência (*epistêmê*) é o caso em que se busca conhecer algo ou aquilo que é necessário. Exemplo claro de ciência é a matemática. Mas pode haver outros casos de ciência, por

exemplo, a física<sup>17</sup>. Raciocínio prático diz respeito aos cálculos que alguém pode fazer para alcançar um fim desejado, por exemplo, se alguém tem sede, ele não precisa beber água da primeira poça que ele encontrar (como costumam fazer os outros animais), mas pode ponderar e escolher aquilo que irá beber.

(980b27) Nos homens, a experiência deriva da memória. De fato, muitas recordações do mesmo objeto chegam a constituir uma experiência única. **A experiência parece um pouco semelhante à ciência e à arte.** Com efeito, os homens adquirem ciência e arte **por meio da experiência**. A experiência, como diz **Polo**, produz a arte, enquanto a inexperiência produz o puro acaso.

### Comentário

► **“A experiência parece um pouco semelhante à ciência e à arte.”**: Há tal semelhança, mas com ressalvas. A partir do que foi visto, também é importante ficar atento àquilo que distingue ciência de arte ou àquilo que não as torna idênticas. O processo de estratificação não se interrompe.

► **“A experiência parece um pouco semelhante à ciência e à arte [...]. [...] os homens adquirem ciência e arte por meio da experiência [...]”**: Há a distinção, como poderá ser visto, porém há característica comum no que se refere à dependência da ciência e da arte com relação à experiência. A experiência ganha papel primordial para o conhecimento mais elaborado e mais sólido que poderá ser adquirido em outro momento. (Torna-nos mais visível o ponto limite, pois os animais de certa maneira,

---

<sup>17</sup> O objetivo de Aristóteles é descobrir a mais elevada das ciências, completamente teórica e ligada aos objetos mais nobres, como veremos.

também compartilham do “saber” empírico, mas avançam muito pouco em relação a ele ou o utilizam de maneira limitada.)

► **Polo:** Discípulo de Górgias, um sofista. A experiência pressupõe uma situação regrada, em que algo acontece com regularidade, tornando-se uniforme. Sem experiência, pode-se esperar qualquer consequência ou resultado, pois nunca se provará o que está por vir.

### Experiência e juízo universal

(981a5) A arte se produz quando, de muitas observações da experiência, forma-se um juízo geral e único passível de ser referido a todos os casos semelhantes. Por exemplo, o ato de julgar que determinado remédio fez bem a Cálias, que sofria de certa enfermidade, e que também fez bem a Sócrates e a muitos outros indivíduos, é próprio da experiência; ao contrário, o ato de julgar que a todos esses indivíduos, **reduzidos à unidade segundo a espécie**, que padeciam de certa enfermidade, determinado remédio fez bem (por exemplo, aos fleumáticos, aos biliosos e aos febris) é próprio da arte.

### Comentário

- *Arte (techne)* é o conhecimento ou o *bem realizar* no que se refere à produção (*poiesis*). A medicina é um caso de *techne*, pois busca produzir ou recuperar saúde após um processo ou de seus procedimentos.

► “**forma-se um juízo geral e único passível de ser referido a todos os casos semelhante**”: Nota-se que um fato se deu de certa forma (uma doença X em João e um medicamento Y o

curou); entende-se que o mesmo tipo de fato em outra situação (a doença X em Maria pode ser tratada com o medicamento Y). Parte-se para universalização e passa-se a entender que sempre que acontecer X, pode-se proceder com Y. Isso é bem ilustrado com o caso da medicina.

► **“reduzidos à unidade segundo a espécie”**: No caso de arte, opera-se em particulares a partir de espécies ou de conceitos. O médico teórico se preocupa mais com o “ser humano” em geral, não com algum ou outro ser humano em particular. O processo de generalização continuará a ser o tema do restante do texto, mas com certas especificidades.

(981a13) Ora, em vista da **atividade prática**, a experiência em nada parece diferir da arte; antes, **os empíricos têm mais sucesso** do que os que possuem a teoria sem a prática. E a razão disso é a seguinte: a experiência é conhecimento dos particulares, enquanto a arte é conhecimento dos universais; ora, **todas as ações e as produções referem-se ao particular**. De fato, o médico não cura o homem a não ser acidentalmente, mas cura Cálias ou Sócrates ou qualquer outro indivíduo que leva um nome como eles, ao qual ocorra ser homem.

► **atividade prática**: No cotidiano, não se distingue muito experiência de arte, ou seja, não se valoriza mais o teórico.

► **“[...] os empíricos têm mais sucesso”**: Os empíricos, em *nível inferior* no que se refere ao saber, podem até ter mais acertos do que os que possuem noções gerais; isso porque voltam-se mais para o particular, ao passo que os detentores de arte buscam o universal.

► **“[...] todas as ações e as produções referem-se ao particular.”**: As atividades ou ações no mundo se referem a

singulares (não é o ser humano que se torna doente, mas Cálías, Sócrates, Fulano etc.). Há fundamento ou um limite particular.

► “[...] **ao qual ocorra ser homem**”: Há um aspecto compartilhado entre tais particulares que serve de referência no caso de arte.

(Notar que há duas situações extremas. De um lado, o particular, completo e que retém todas as determinações de uma coisa. Por outro, há um aspecto universal. Pode-se já invocar, sem ainda refinar, as ideias de essência e de acidente ou de propriedades essenciais e de propriedades acidentais. “Sócrates é homem” e “Sócrates é branco”. Esses dois aspectos, universal e particular, cumprem funções diferentes e se relacionam com formas diferentes de apreensão ou de saber; de certa forma, há momentos em que o conhecimento do particular é mais adequado, pois não se cura o *ser humano*, mas Sócrates ou Cálías, que exigem o reconhecimento de algo mais imediato, dado numa circunstância, não estritamente abstrato.)

### Conhecimento, causa e o “porquê”

(981a21) Portanto, se alguém possui a teoria sem a experiência e conhece o universal, mas não conhece o particular que nele está contido, **muitas vezes errará o tratamento, porque o tratamento se dirige, justamente, ao indivíduo particular. Todavia, consideramos que o saber e o entender sejam mais próprios da arte do que da experiência, e julgamos os que possuem a arte mais sábios do que os que só possuem a experiência, na medida em que estamos convencidos de que a sapiência, em cada um dos homens, corresponda à sua capacidade de conhecer. E isso porque os primeiros conhecem a causa, enquanto os outros não a conhecem. Os empíricos conhecem o puro dado de fato, mas não seu porquê; ao contrário, os outros conhecem o porquê e a causa.**

### Comentário

► “[...] **muitas vezes errará o tratamento, porque o tratamento se dirige, justamente, ao indivíduo particular.**”:

Reforço da tese de que para certas situações, o conhecimento empírico é mais adequado.

► “[...] **consideramos que o saber e o entender sejam mais próprios da arte do que da experiência, e julgamos os que possuem a arte mais sábios do que os que só possuem a experiência [...].**”:

Mas há superioridade do conhecimento mais teórico em relação ao conhecimento empírico, mesmo que este seja mais eficiente para situações particulares. Quem é dotado de arte é mais sábio do que quem apenas detém experiência, ou seja, do que quem apenas passou por diversas situações semelhantes e procede por repetição de padrões previamente identificados, mas com um saber ainda limitado. (Notar como índice de *saber* é tema recorrente dentro do esquema montado pelo autor).

► “[...] **na medida em que estamos convencidos de que a sapiência, em cada um dos homens, corresponda à sua capacidade de conhecer.**”:

Quanto mais a pessoa conhece, *mais ela é denominada* sábia, e não porque a pessoa é bem sucedida nas suas atividades empíricas. O médico teórico é mais sábio do que o médico empírico, mesmo que este possa realizar tratamentos mais eficazes.

► o **"puro dado de fato"** e o **"porquê"**: Conhecer o *"porquê"* equivale a conhecer a causa. O *"puro dado de fato"* também pode ser entendido como o *"quê"*.

► **causa (aitía):** Vale a pena avançar para entender isso, o “porquê”. (Ideia a ser explorada e que pode fornecer a chave ou uma das chaves para a *Metafísica* e o principal caminho a ser explorado).

(981a31) Por isso consideramos os que têm a direção nas diferentes artes mais dignos de honra e possuidores de maior conhecimento e mais sábios do que os trabalhadores manuais, na medida em que aqueles conhecem as causas das coisas que são feitas; ao contrário, os trabalhadores manuais agem, mas sem saber o que fazem, assim como agem alguns dos seres inanimados, por exemplo, como o fogo queima: cada um desses seres inanimados age por certo impulso natural, enquanto os trabalhadores manuais agem por hábito. Por isso consideramos os primeiros mais sábios, não porque capazes de fazer, mas porque possuidores de um saber conceptual e por conhecerem as causas.

### Comentário

► **os que têm a direção:** Por exemplo, o mestre-de-obras, que conhece o “porquê” ou a causa que leva àquilo que deve ser produzido.

► **os trabalhadores manuais/ seres inanimados:** Por exemplo, os operários, que segundo Aristóteles agem como coisas brutas, que são movidas *em virtude de certa natureza*. O operário, por apenas se voltar para os fatos dados, apenas sabe o “*quê*”, mas não conhece o “*porquê*”, assim como o fogo apenas queima.

► **“Por isso consideramos os primeiros mais sábios, não porque capazes de fazer, mas porque possuidores de um saber conceptual e por conhecerem as causas.”:** Aristóteles trata do se habituar a uma situação, o que permite àqueles *que têm a direção* ganhar o conhecimento do “porquê”, da causa. Os mestres não são mais sábios por se aplicarem aos particulares,



mas por se ligarem a universais, por terem teoria e por reconhecerem as causas. Mesmo que a pessoa dotada de experiência opere melhor numa situação singular, ela não será considerada mais sábia.

**(981b13)** Em geral, o que distingue quem sabe de quem não sabe é a capacidade de ensinar: por isso consideramos que a arte seja, sobretudo, a ciência e não a experiência; de fato, os que possuem a arte são capazes de ensinar, enquanto os que possuem a experiência não o são. Ademais, consideramos que nenhuma das sensações seja sapiência. De fato, se as sensações são, por excelência, os instrumentos de conhecimento dos particulares, entretanto não nos dizem o porquê de nada: não dizem, por exemplo, por que o fogo é quente, apenas assinalam o fato de ele ser quente.

#### Comentário

► “[...] *o que distingue quem sabe de quem não sabe é a capacidade de ensinar [...]*”: Outro item que leva à superioridade no que se refere ao índice de saber, o ensino. Quem tem apenas experiência, sem teoria, é incapaz de ensinar. Apenas quem tem teoria ou o conhecimento do “porquê” é capaz de ensinar ou de transmitir tal saber.

► *sensações/ não-sapiência/ conhecimento dos particulares/ não dizem, por exemplo, por que o fogo é quente*: A sensação ou percepção é mais certa no que diz respeito ao conhecimento dos particulares (“esta pessoa diante de mim tem tal doença X”). Os que se valem apenas dos sentidos não dizem o “porquê” de coisa alguma; sabem, por exemplo, apenas que o fogo é quente. Se tivessem capacidade de conceituar, dizer o “porquê” acerca do fogo, poderiam conhecer sua natureza, que é sua capacidade de

queimar sem que se o tenha realmente diante de si, já que ele pode ser tomado apenas como conceito, o *fogo*.

### Admiração e o início do pensamento teórico

(981b14) Portanto, é lógico que quem por primeiro descobriu alguma arte, superando os conhecimentos sensíveis comuns, tenha sido objeto de **admiração** dos homens, justamente enquanto sábio e **superior aos outros, e não só pela utilidade de alguma de suas descobertas**. E também é lógico que, tendo sido descobertas numerosas artes, umas voltadas para as necessidades da vida e outras para o bem-estar, sempre tenham sido julgados mais sábios os descobridores destas do que os daquelas, porque **seus conhecimentos não eram dirigidos ao útil**. Daí resulta que, quando já se tinham constituído todas as artes desse tipo, passou-se à descoberta das **ciências que não visam nem ao prazer nem às necessidades da vida**, e isso ocorreu primeiramente nos lugares em que primeiro os homens se libertaram de ocupações práticas. Por isso as artes matemáticas se constituíram pela primeira vez no Egito. De fato, lá era concedida essa liberdade à casta dos sacerdotes.

### Comentário

#### ► Admiração (*taumázein*)

O primeiro a desenvolver uma arte, a não mais se voltar apenas às sensações e ao saber exclusivamente empírico, deve ter chamado a atenção das outras pessoas (vale lembrar do desejo natural de conhecer; de alguma forma, nesse caso, esse desejo foi avivado pelo desenvolvimento de tal arte). Essa descoberta não chamaria a atenção apenas em função de sua utilidade; apesar de realmente poder ter sido uma arte, que é uma atividade ligada à produção, já havia um domínio do “porquê” ou da causa, e não mais a mera repetição empírica. Isso pode ter tornado tal descobridor

alguém superior aos seus semelhantes. A arte pode ter um fim prático, mas já toca um aspecto teórico.

Em meio ao surgimento de diversas artes e à divisão daquelas voltadas para a utilidade e outras para a satisfação (nesse caso, G. Reale usa o termo “bem-estar”), os descobridores destas foram considerados mais sábios. O grau de sabedoria ou da qualificação como sábio se distancia do grau de utilidade (prática) de um saber.

Em seguida, alcançado todo conhecimento útil necessário para a sobrevivência, pôde haver espaço para o conhecimento mais teórico. Foi preciso ócio para que aparecessem as ciências, ou seja, quando as principais necessidades foram controladas ou passaram a ser facilmente saciadas, foi dado início ao conhecimento contemplativo, sem função prática ou ao menos sem função imediata. Segundo o texto, basta conferir o caso da casta sacerdotal egípcia para ver o processo de tal saber. Esse conhecimento desinteressado expressa situação semelhante àquele do sentido da visão, em que se observa pelo simples observar e nada mais.

**(981b26) Diz-se na Ética qual é a diferença entre a arte e a ciência e as outras disciplinas do mesmo gênero. E a finalidade do raciocínio que ora fazemos é demonstrar que pelo nome de sapiência todos entendem a pesquisa das causas primeiras e dos princípios. E é por isso que, como dissemos acima, quem tem experiência é considerado mais sábio do que quem possui apenas algum conhecimento sensível: quem tem a arte mais do que quem tem experiência, quem dirige mais do que o trabalhador manual e as ciências teóricas mais do que as práticas. É evidente, portanto, que a sapiência é uma ciência acerca de certos princípios e de certas causas.**

### Comentário

► “[...] *na Ética qual é a diferença entre a arte e a ciência e as outras disciplinas do mesmo gênero*”: Conferir *Ética a Nicômaco* VI 3-7; nessa parte dessa obra, há uma investigação

acerca da prudência, do ponto ou a parte da alma em que ela se localiza e do tipo de disposição que ela seria. Partes da alma: (1a) parte vegetativa e (1b) parte desiderativa ou desejante; (2a) parte racional prática e (2b) parte racional calculativa).

Disposições ligadas à verdade: **(a) conhecimento científico** (*epistême*) – seu objeto é necessário (o que não é capaz de ser de outra forma); sempre pode ser ensinado de forma teórica; seu ponto de partida são coisas bem conhecidas ou princípios bem entendidos por *razão intuitiva*; **(b) arte** (*téchne*) – conhecimento ligado ao variável no que se refere à produção; **(c) prudência** (*phronesis*) – o tema central deste livro, *EN VI*; conhecimento ligado ao variável no que diz respeito às ações; sabedoria prática; **(d) razão intuitiva** (*noûs*) – conhecimento dos primeiros princípios; **(e) sabedoria filosófica** (*sophia*) – filosofia; conhecimento das coisas mais elevadas, em que se combina conhecimento científico e razão intuitiva dos princípios mais divinos<sup>18</sup>.

► **“pelo nome de sapiência todos entendem a pesquisa das causas primeiras e dos princípios”**: O termo é *sofia*, é traduzido por sapiência por G. Reale, mas também pode ser entendido por sabedoria. Num limite, talvez seja a própria filosofia.

► **“É evidente, portanto, que a sapiência é uma ciência acerca de certos princípios e de certas causas”**: A sapiência é colocada de forma conclusiva, como se estivesse no topo na hierarquia do saber; pode ser a grande candidata do conhecimento mais elevado e a verdadeira representante da metafísica. Aristóteles parte, como em outros casos, de uma opinião conhecida e procede com o seu refinamento.

---

<sup>18</sup> Isso fornece pista para a grande proximidade entre metafísica e (filo)sofia.

Podemos esquematizar a escala do saber conforme os seguintes critérios:

(a) distância em relação à percepção e ao particular; (b) distância em relação à experiência; (c) distância em relação à função prática; (d) possibilidade de ser ensinado ou o quanto é permitido o seu ensino.

### **Balço da análise e próximos passos**

Esperamos o mesmo tipo de leitura para os próximos capítulos. Com o primeiro capítulo, que foi analisado, e com o que é exposto no segundo capítulo, Aristóteles mostra o que ele pensa daquilo que seria saber (em sentido próprio) na medida em que mostra que há uma estratificação daquilo que podemos chamar de faculdades (percepção e memória) e de disposições (empírica, técnica e teórica) no que diz respeito ao nível de saber, até que se possa chegar ao saber mais elevado, mais teórico, distanciado da percepção pura.

Em *Met. A(1) 2*, Aristóteles acrescenta mais elementos ligados ao que ele chama de sabedoria a partir daquilo que faz com que alguém seja considerado mais sábio ou que tenha uma disposição de sábio. Aristóteles levanta as opiniões e desenvolve uma lista que mostra os sinais que fazem com que alguém tenha sabedoria:

1. Aquele que conhece mais coisas, do ponto de vista geral e não cada coisa individualmente.
2. Aquele que conhece as coisas mais difíceis ou não compreendidas pela maioria das pessoas, em oposição, por exemplo, às sensações, normalmente compartilhadas por todos.
3. Aquele que possui mais conhecimento sobre as causas.
4. Aquele que é mais capaz de ensinar.

5. Aquele que possui uma ciência por si, que não visa outra coisa para além dela mesma (em oposição ao saber prático).
6. (Será mais sábio) quem possuir uma ciência hierarquicamente superior às outras.

Esse pequeno resumo (adaptado) de parte do texto (*Met.* A(I) 2 982 a7-19), ao haver referência ao sábio, acrescenta mais características ao tipo de saber mais elevado, que deve também ligar-se às causas e princípios mais elevados. E se há o desejo natural pelo máximo saber ou, doravante, ciência, que também seria a mais desejável. Isso revela um pouco dos ingredientes daquilo que Aristóteles nomeia por *filosofia primeira*, que Aristóteles, no limite, associa a algo de natureza divina, por provavelmente ser uma ciência divina e por ter algo divino como objeto (*Met.* A(I) 2 982 b27-983a12). Aqui nos aproximamos de um ponto em que se poderia começar a delinear a teologia aristotélica, que diz respeito exatamente ao tema do divino, culminando na cosmologia do Livro  $\Lambda$ (12). No limite, algo divino, de natureza perfeita, bem realizada, separado de qualquer substrato material, estável e imóvel, que poderia ser a legítima causa e princípio primeiros.

No início, apresentamos quatro linhas investigativas da *Metafísica*. Tomaremos, por enquanto, duas para facilitar o restante de nossa investigação. De um lado, temos esse suposto princípio supremo, esse algo divino, ligado ao máximo saber (ligado aos primeiros princípios primordiais, os mais teóricos, mais nobres, voltados a si mesmos etc.); isso também toca um provável ser separado, em si, principalmente do mundo sublunar. Todavia, quando tomamos a filosofia primeira e contrastamos como o que é escrito em outras partes da obra, por exemplo, logo no início de *Met.*  $\Gamma$ , não parece que há uma investigação teológica, mas talvez uma ciência de sentido ainda mais geral, como veremos na Unidade 3.



### NESTA UNIDADE VOCÊ VIU

- Os primórdios da busca pelo saber humano ou pela sapiência, busca que se baseia em um desejo natural cuja origem se encontra já nas percepções.
- A escalada dos saberes, cujo ápice é o saber mais teórico, que é o mais distante do particular, da percepção e da mera utilidade.
- A busca pelo saber a partir de uma admiração.
- O espaço aberto para investigação metafísica e um esboço do objeto de tal estudo.
- O surgimento do conceito de metafísica.
- Estrutura geral da obra *Metafísica* de Aristóteles.
- Os temas centrais ligados à *Metafísica* de Aristóteles.
- O surgimento do saber, inclusive das motivações e condições ligadas a ele.
- Uma das linhas de investigação metafísica: acerca das causas e princípios primeiros.